



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED-HUÍLA

A IDADE MÉDIA: O FIM DA VISÃO TEOCÊNTRICA E AFIRMAÇÃO ANTROPOCÊNTRICA.

Autor: Mariano Feca Kayumbuca

Lubango, 2021/2022



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED-HUÍLA

**A IDADE MÉDIA: O FIM DA VISÃO TEOCÊNTRICA E AFIRMAÇÃO
ANTROPOCÊNTRICA.**

Autor: Mariano Feca Kayumbuca

Tutor: José Alfredo de Matos

Lubango, 2021/2022



Instituto Superior de Ciência de Educação da Huíla
ISCED-HUÍLA

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Tenho consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu **MARIANO FECA KAYUMBUCA**, estudante finalista do Instituto Superior de Ciência de Educação da Huíla (ISCED-Huíla) do curso de História, do Departamento de CIÊNCIAS SOCIAIS, declaro por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, ____ de _____ de 2022

O Autor

DEDICATÓRIA.

Dedico este trabalho à Deus e a todos que contribuíram para a minha formação tal como: familiares, professores, colegas e amigos.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço à Deus pelo dom de vida e por ter-me concedido a saúde até ao exacto momento.

Aos meus pais por me terem gerado.

A minha esposa e aos meus filhos por terem-me apoiado nos momentos mais difíceis da formação.

Aos meus irmãos e minhas irmãs que sempre ajudaram-me verticalmente para que eu chegasse até aqui.

O meu Professor Orientador Dr. **José Alfredo de Matos**, pela paciência, dedicação e pela disponibilidade demonstrada a quando da elaboração deste trabalho.

Aos meus professores do 1º ao 4º ano pelos valiosos conhecimentos transmitidos durante esta etapa. Em quinto devo gratidão à todos os não nominalmente mencionados, mas directa ou indirectamente deram o seu apoio para a confirmação daquilo que hoje conseguimos ter neste nosso trabalho.

SIGLAS UTILIZADAS.

d. C – depois de Cristo.

a. C – antes de Cristo.

RESUMO.

A Idade Média, ou Idade da Fé, também conhecida pejorativamente como “Idade das Trevas”, “Noite de Mil Anos”, “Espessa Noite Gótica”, comporta um extenso período de quase mil anos (476 a 1543 d.C.) de muita turbulência devido a vários acontecimentos no continente europeu. Dentre tantos factos ocorridos, destaca-se as inúmeras invasões territoriais, guerras constantes, formação de vários reinos independentes, consolidação do sistema feudal com a economia baseada na agricultura, mão-de-obra servil com a relação de vassalagem entre servos e senhores, ruralização geral do continente, pouco uso de moedas, escassos contatos comerciais externos, fusão da cultura romana com a germânica, teocentrismo e enfraquecimento da cultura laica, fortalecimento do cristianismo e crescimento do poder interventivo da igreja católica com exacerbação de poderes, o teocentrismo é uma das noções que marcaram tipicamente a Idade Média.

Os conflitos na Idade Média entre o campo e a cidade cresciam. A procura por produtos alimentícios nos centros urbanos era maior do que a oferta. Foram criadas novas técnicas de cultivo da terra para atender à demanda, mas não o suficiente. A fome avassaladora, pestes, rebeliões e guerras começavam a corroer a Europa, e o sistema de produção feudal passou a exigir profundas mudanças económicas, sociais, culturais e políticas, proporcionando o advento de uma nova era: a Idade Moderna. Esta nova Idade trouxe o Humanismo e por sua vez esta corrente teve o antropocentrismo como seu objecto de estudo, antropocentrismo se identificou como uma das ações que marcaram a Renascença e o próprio desenrolar da Idade Moderna ao colocar o homem no centro das coisas, a postura antropocêntrica manifestava-se em obras de arte nos tratados filosóficos. Isso significa dizer que os sentimentos, formas e instituições humanas eram pensadas e observadas com grande atenção.

O estudo está estruturado por três capítulos, no primeiro (I), fez-se abordagem generalizada da literatura que sustenta o tema em estudo, tal como a gênese da Idade Média, características do Idade Média marcada pelo teocentrismo e o fim da visão teocêntrica.

O segundo (II) capítulo abordou aspectos relacionados ao surgimento da Idade Moderna, suas características centradas na negação teocêntrica e a afirmação

antropocêntrica através do humanismo, sem esquecer a reforma religiosa que contribuiu na colocação do homem no centro do universo.

No terceiro (III) capítulo, fez-se a descrição metodológica do estudo desde abordagem descritiva, classificação da pesquisa, tipo de pesquisa quanto aos objectivos e procedimentos.

Palavras-Chave: Idade Média – é um período da história universal que vigorou entre o século V e XV. **Teocentrismo** – foi a doutrina que vigorou durante a Idade Média e considerava o divino como elemento fundamental de toda ordem do mundo.

Antropocentrismo – é uma concepção que considera a humanidade como centro do universo, que é válido de acordo com a sua relação como o Homem.

ABSTRACT.

The Middle Ages, or Age of Faith, also known pejoratively as “Dark Ages”, “Night of a Thousand Years”, “Thick Gothic Night”, comprises an extensive period of almost a thousand years (476 to 1543 a.C) of much turmoil due to various events on the European continent. Among so many events, there are numerous territorial invasions, constant wars, formation of several independent kingdoms, consolidation of the feudal system with an economy based on agriculture, servile labor with the vassalage relationship between serfs and lords, ruralization continent, little use of currencies, few external commercial contacts, fusion of Roman and Germanic culture, theocentrism and weakening of secular culture, strengthening of Christianity and growth of the interventionist power of the Catholic Church with exacerbation of powers, theocentrism is one of the notions that typically marked the Middle Ages.

Conflicts in the Middle Ages between the countryside and the city grew. The demand for food products in urban centers was greater than the supply. New techniques for cultivating the land were created to meet the demand, but not enough. Overwhelming hunger, pestilence, rebellions and wars began to corrode Europe, and the feudal production system began to demand profound economic, social, cultural and political changes, providing the advent of a new era: the Modern Age. This new Age brought Humanism and in turn this current had anthropocentrism as its object of study, anthropocentrism was identified as one of the actions that marked the Renaissance and the very development of the Modern Age by placing man at the center of things, the posture anthropocentric expression manifested itself in works of art in philosophical treatises. This means to say that human feelings, forms and institutions were thought and observed with great attention.

The study is structured in three chapters, in the first (I), a generalized approach was made to the literature that supports the subject under study, such as the genesis of the Middle Ages, characteristics of the Middle Ages marked by theocentrism and the end of the theocentric vision.

The second (II) chapter addressed aspects related to the emergence of the Modern Age, its characteristics centered on theocentric denial and anthropocentric affirmation through humanism, without forgetting the religious reform that contributed to placing man at the center of the universe.

In the third (III) chapter, the methodological description of the study was made, from a descriptive approach, classification of the research, type of research in terms of objectives and procedures.

Keywords: Middle Ages – is a period of universal history that lasted between the 5th and 15th century. **Theocentrism** – was the doctrine that prevailed during the Middle Ages and considered the divine as a fundamental element of the entire world order.

Anthropocentrism – is a conception that considers humanity as the center of the universe, which is valid according to its relationship with Man.

Índice

DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
SIGLAS UTILIZADAS.....	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
Motivação da escolha do tema.....	3
Marco Teórico.....	3
Formulação do problema.....	3
Formulação da pergunta científica.....	4
Formulação do objecto de Investigação.....	4
Formulação do Objectivo geral da Investigação.....	4
Formulação dos objectivos específicos.....	4
Delimitação do Tema.....	4
Desenho Metodológico.....	4
Definição da opção metodológica.....	4
Definição dos Métodos e Técnicas.....	5
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
1.1- Estado da Arte.....	8
1.1.1- Quadro Cronológico da História Universal.....	10
1.1.2- A génese da Idade Média.....	13
1.1.3- Características do Cristianismo na Idade Média.....	14
1.1.4- O alicerce do Pensamento Medieval.....	17
1.1.5- A organização Social na Idade Média.....	18
1.2.1- O advento do Humanismo.....	19
CAPÍTULO II: A IDADE MÉDIA: O FIM DA VISÃO TEOCÊNTRICA E AFIRMAÇÃO ANTROPOCÊNTRICA.....	22
2.1 - O Humanismo.....	22
2.1.1 - A afirmação do Humanismo.....	24
2.1.2 - As Principais Características do Humanismo.....	25
2.1.3 - O Renascimento Cultural.....	27
2.1.4 - O Renascimento Científico.....	31
2.2.1 - O Fim do Renascimento.....	33

2.2.2- A Idade Média é a idade das luzes ou das trevas?.....	35
2.2.3 - A transição da Idade Média para Idade Moderna.	38
2.2.4 - A visão Antropocêntrica.....	40
CAPITULO III- ABORDAGEM DESCRITIVA DA METODOLOGIA.....	44
3.1.1- Classificação da Pesquisa.....	44
3.1.2- Tipo de Pesquisa Quanto a Natureza.	44
3.1.3- Quanto a Abordagem.....	45
3.1.4- Tipo de Pesquisa Quanto aos Objectivos.	45
3.2.1- Quanto aos Instrumentos de Recolha de dados	45
3.2.2- Local de Pesquisa	45
3.2.3- Técnicas e Instrumentos de Colecta de Dados.....	46
3.2.4 - Quanto aos Procedimentos.....	46
CONCLUSÕES.	48
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O período medieval foi caracterizado por uma visão teocêntrica, em função desta visão os medievos mantiveram uma dependência de tudo sobre poder divino cujo período foi caracterizado pelo chamado teocentrismo, o que passa a ser o centro das atenções dos medievos é Deus, por isso a Idade Média é a idade das igrejas. Pós nesta altura imensas igrejas foram construídas no sentido da população estar mais próxima de Deus. Até mais ou menos em meado da Idade Média havia uma certa dicotomia entre a fé e razão, onde a primeira não deveria ser questionada pela segunda.

Muitos historiadores chegaram a indagar-se com a postura que vigorava a Idade Média, assumindo então uma atitude preconceituosa contra a Idade Média, a Idade Média emerge na história como resultado de três essenciais factores determinantes actuando em convergência: o arruinamento do mundo clássico antigo, a barbarização do espaço europeu e o advento e difusão do Cristianismo. Essa convergência dá-se ao longo dos primeiros séculos da chamada era cristã, mas acentua-se e torna-se determinante no século V. Estes factores permitem compreender o rosto característico da civilização e da cultura medievais, designadamente no que diz respeito ao pensamento aí produzido. Como se sabe, a Idade Média é uma época profundamente religiosa, marcada pelo poderio da Igreja, pela força de uma devoção quase geral. De facto o século XVI traz a ruptura da reforma e conhece ferozes guerras motivadas por religião. A fé cristã apresenta-se doravante sob ao menos duas formas, a católica tradicional e a nova reformada, que também é chamada de protestante e que compreende diversas orientações.

O Humanismo através do Renascimento marcou o fim da Idade Média e deu início da Idade Moderna e, o mesmo é melhor compreendido como uma síntese de inovações medievais fruto de um longo processo de gestação, não como um período à parte, muito menos como o inaugurador de todo conhecimento da Idade Moderna porque nesta altura o Renascimento esteve na sua génese. A Idade Moderna compreende um período de mudanças ocorridas entre os séculos XV e XVIII. As transformações ocorrem, por exemplo, na geografia, com a descoberta de novas terras e mares, na política, com o fortalecimento do poder

real, na religião, com a Reforma Protestante, assim como nas artes, com o Renascimento. Tais mudanças, por suas particularidades, estabelecem esta mesma época como um tempo de transições, pois as concepções típicas do medievo ainda não estão plenamente superadas, mas também não são mais hegemônicas.

Motivação da escolha do tema

Durante muitos séculos o mundo foi governado pelas ordens da Igreja Católica, a mesma impulsionou o estilo de vida dos cidadãos em todos os aspectos. Idade Média é normalmente tratado como uma transição para a Idade Moderna. Abrangeu cerca de um milênio, época em que o continente europeu assistiu as grandes transformações na organização política, social e econômica. Estes acontecimentos tiveram reflexos globais, cujas influências são notadas actualmente no nosso modo de vida, é esta razão que motivou-me a escolher o presente que poderá reavivar os aspectos negativos e positivos da Idade Média que deram ênfase a Era moderna.

Marco Teórico.

Das observações feitas aos conteúdos e as análises feitas aos mesmos, acerca do assunto em volta da Idade Média, constatou-se uma grande difusão de conteúdos que tratam do desenrolamento desta Idade Média e o advento da modernidade. No mercado académico interno o assunto é pouco abordado e, por conseguinte isto poderá refletir na insuficiência de bibliografia deste assunto dentro das comunidades, porém, as obras encontradas poderão ajudar-nos atingir a meta desejada.

Formulação do problema.

Durante o período em que se estendeu a Idade Média, a Igreja Católica foi Governo/Estado e única instituição que representava a religião cristã no mundo inteiro antes das reformas que ocorreram na baixa Idade Média.

O poder da referida instituição era abrangente na sociedade, a educação estava sob responsabilidade desta Igreja, o modo de vida de todas as classes sociais que existiram no então segundo a estamentação social também esteve sob tutela da mesma.

A época histórica conhecida por Idade Média recebeu esta designação a partir do contexto epocal renascentista. O adjetivo «Média» tem aí um significado, mais que simplesmente cronológico, cultural e valorativo. Implica em si mesmo um juízo de valor, formulado na base de um critério classicista.

Formulação da pergunta científica.

Dada a caracterização real e actual, a presente pesquisa pretende responder algumas questões fundamentais tais como:

- 1- Quais foram os meios utilizados pela Igreja Católica para que tivesse um domínio sobre a sociedade mundial por XV séculos?
- 2- Quais foram as razões dos intelectuais da Idade Média terem evocados conteúdos contra as políticas da referida Idade?
- 3- De que modo, hoje é constatado o legado da Idade Média na vida das pessoas?

Formulação do objecto de Investigação.

O objecto de investigação incide praticamente sobre a Idade Média.

Formulação do Objectivo geral da Investigação.

- ✓ Compreender o desenvolvimento da Idade Média e a vigência do Humanismo.

Formulação dos objectivos específicos.

- ✓ Identificar os factores que possibilitaram a Igreja Católica ter sido a única Instituição que comandava a sociedade.
- ✓ Descrever os factores adjacentes que levaram o declínio da Idade Média.
- ✓ Comparar os aspectos positivos e negativos da Idade Média na actualidade.

Delimitação do Tema.

Para compreensão do tema, o presente estudo, situar-se-á no horizonte temporal entre o século V a XVIII.

Desenho Metodológico.

Definição da opção metodológica

A opção metodológica da investigação terá como base os pressupostos metodológicos para o alcance dos objectivos definidos.

Basear-se-á na pesquisa documental.

Aplicaremos os enfoques qualitativos e quantitativos na interpretação dos resultados da investigação.

Definição dos Métodos e Técnicas.

Método documental – é aquele realizado a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos, (Santos, 2000). Este método será usado neste trabalho para fazer busca do material, sobre os aspectos fundamentais, reflexão, espírito crítico, análise, síntese, de factos que comprovam os elementos importantes atinentes ao tema em pesquisa.

Método Histórico - Tem como pressuposto reconstruir o passado objectivo, acurado, e geralmente relacionando o passado com o presente e vice e versa. As instituições e os costumes contribuem para a formação de nossa vida social como fonte de origem passada importando assim a pesquisa na compreensão de sua natureza e função (Aragão, 2017). Este método será usado tendo em conta a história de sociedades do passado e fazer enquadramento de alguns aspectos para as sociedades actuais.

Método Comparativo – Segundo Leite (2006), o método comparativo consiste em investigar factos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Permite a análise de dados concretos e a dedução dos mesmos segundo as suas convergências e divergências de elementos constantes, abstrações gerais, propiciando investigações de carácter indirecto. Este método será utilizado para fazer comparações de factos, factores comuns e incomuns permitindo fazer na presente pesquisa uma descrição sobre os variados documentos tidos relativamente sobre a pesquisa.

Método qualitativo – A sua pesquisa costuma ser direccionada e não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumento estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contacto interativo do pesquisador com a situação ou objecto em estudo (Vianna, 2006). Este método será utilizado nas abordagens qualitativas onde os dados deveram ser apresentados de forma sistematizada, clara e sintética.

Método Estatístico – é um método de análise, planejado por dados que permitem obter de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si. Quando, a partir de uma amostragem ou de um caso particular, fazem-se generalizações, tem-se a probabilidade e não a certeza da ocorrência de tal fenômeno (Neta, 2017). Este método será usado na aplicação do questionamento por inquérito à população alva para contribuir na melhor percepção do tema.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

A Idade Média é o período da história geral que se inicia no século V, logo após a queda do Império Romano do Ocidente, e termina no século XV, com a conquista de Constantinopla pelo Império Turco-Otomano. Foi um período marcado pela síntese da herança romana com a cultura dos povos bárbaros que invadiram o Império Romano.

A Igreja Católica tornou-se uma instituição poderosa e influente não apenas na religião, mas também na sociedade medieval. A invasão bárbara provocou a fuga da cidade em direção ao campo. A Europa ocidental ruralizava-se, e a riqueza era a terra. A agricultura tornou-se a principal atividade econômica, e a produção dos feudos era para o próprio sustento¹.

A Idade Moderna é considerada o período de transição do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista. Essa transição se deu pelas práticas econômicas do mercantilismo, que contribuíram para a mundialização do comércio europeu. Essa mundialização do comércio tem relação direta com o colonialismo que se estabeleceu quando os europeus chegaram a vários pontos do mundo na Era da expansão marítima europeia².

1.1- Estado da Arte.

Na perspectiva de certos autores tais como Marcondes (2009), o teor da Idade Média centrado em Deus é negado pela modernidade e salienta que na realidade o termo era já usado na Idade Média para designar um novo movimento de pensamento a partir do século XII.

Segundo Mateus (2018), a Igreja Católica teve um papel importante na vida da sociedade medieval, não somente na condução das almas para a salvação, mas também no domínio material, quando se identificou com a própria sociedade feudal. A Igreja monopolizava a cultura e fornecia funcionários administrativos aos estados medievais. A organização eclesiástica somente ficou definida por volta do século III, com a estruturação do clero secular e o surgimento do clero regular.

¹ <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/idade-media.htm>

² <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/idade-moderna.htm>

Coutinho (2008), frisou que os homens do Renascimento, amantes dos valores clássicos greco-latinos, ao mesmo tempo que promoveram o seu renascimento das «cinzas» em que se haviam transformado após a queda do Império Romano no século V, e em que permaneceram até ao século XV, tomaram consciência particularmente aguda de que o milénio que mediava entre o antigo Classicismo e o que agora despontava no horizonte da história representava uma espécie de parêntese no curso progressivo da mesma história. Chamaram-lhe Idade Média exactamente por isso. Ela representava, para eles, uma paragem e, em muitos aspectos, uma regressão.

Para Carpentier (2014), os dez séculos da Idade Média constituem uma “idade do meio”, situada entre a queda do Império Romano e o início do Renascimento. Antigamente, os historiadores consideravam a Idade Média um período de decadência entre a prestigiosa Antiguidade e o Renascimento, quando os europeus reatam com a civilização antiga, não só nas artes, como na política e até na organização económica.

Carvalho (2013), o teocentrismo caracterizou a Idade Média, nesta idade, vigorou uma visão teocêntrica, em função desta visão os medievos tiveram problemas devido um novo modo de vista diferente do período anterior. Com o teocentrismo o que passava ser o centro das atenções era Deus. Por isso a Idade Média era idade das Igrejas.

Neste período imensas catedrais foram construídas, pois assim estariam mais próximos de Deus. O Deus era servo, castigador, e o que valia era salvar a alma. O binómio fé e razão tem sido forte motivo de debates desde os tempos chamados de Idade Antiga, perpassando a era medieval, os conflitos se intensificaram a partir das ideias renascentistas que caminhavam para a modernidade, voltada para a investigação e a observação. Por isso que, as ideias dos filósofos cientistas contrariavam a Igreja Católica que pretendia manter os seus dogmas, e, esta instituição instalou o chamado Tribunal da Inquisição, este, por sua vez, foi o algoz daqueles que se opunham à religião (Izidro, 2019).

Segundo Godinho (2012), o pensamento medieval postulado e propagado pela Igreja Católica pregava a submissão do homem à vontade de Deus e a seus intérpretes e representantes na terra, o clero; uma vida contemplativa, sem instintos e inimiga do prazer mundano. De acordo com essa concepção o

principal caminho para o acesso ao conhecimento eram as revelações divinas. Já os artistas renascentistas tinham como fonte de inspiração a cultura da Antiguidade Clássica greco-latina, buscavam as dimensões ideais da figura humana e a representação fiel da realidade, não se contentando mais em apenas observar a natureza, mas transformando-se em estudiosos e procurando imitá-la com precisão, ressaltando o valor do homem, da crença em suas possibilidades e capacidades. Nesse panorama, a individualidade do artista passa a ser valorizada, em oposição ao caráter coletivo das obras medievais.

O Renascimento acaba por ser um marco importante na afirmação antropocêntrica porque movimento marca o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, faz referência aos modelos clássicos greco-romano.

Sabe-se que a Idade Média esteve marcada pelo teocentrismo, cujo lema era os dogmas e preceitos da Igreja Católica, que cada vez mais adquiria fiéis. Assim, pessoas que estivessem contra ou questionassem esses dogmas, eram excomungados, além de sofrer alijamento da sociedade, ou em último caso, a morte. O humanismo, que surgiu a partir do século XV na Europa, começou a questionar diversas questões uma vez que o cientificismo oferecia o livre pensamento aos cidadãos (Carpentier, 2014).

A Idade Média comportou um leque de muitos acontecimentos, Queiroz (2015), salientou as características que predominaram nesta Idade, afirmou que a partir do século VII a predominância étnica e cultura grega e asiática acabaram prevalecendo e caracterizando a Civilização Bizantina. Apesar dos esforços realizados no governo de Justiano no sentido de manter e conservar a herança cultural romana, a Civilização Bizantina sob seus sucessores voltou às suas raízes mais fortes, tornando-se oriental: o Império constituído por populações gregas e orientais helenizadas (sírios, egípcios, judeus, persas) foi perdendo pouco a pouco as características latinas. A partir do século VI abandonou-se o latim, e o grego passou a ser a língua oficial do Império.

1.1.1- Quadro Cronológico da História Universal.

A História Universal está dividida por quatro períodos, cujos mesmos incluem os acontecimentos mais importantes. O período da Antiguidade reserva-nos vastas informações tal como a pré-História é um subperíodo desta Idade, e é tão longa

ao ponto do Homem actual não ter todas as suas informações. Nesta Era o Homem vivia primitivamente e levava uma vida errante; era nómada. A vida era dura e difícil, o meio embora exuberante, apresentava-se temeroso: climas inclementes, cerradas florestas encobridoras de animais monstruosos (Mattoso, 1960).

A Idade Antiga começou com a formação do Homem e terminou no século V em 476 com a queda do Império Romano do Ocidente. A Antiguidade compreende o estudo dos povos do Oriente e, ainda o estudo da civilização clássica greco-romana. Embora sem carácter rígido as datas de 476 e 1453 indicam a queda de Roma e a tomada de Constantinopla pelos Turcos, marcando assim o fim da Idade Antiga e da Idade Média.

A Idade Média é o segundo período da História Universal, e começou no século V com a queda do Império Romano do Ocidente e terminou em 1453 com a queda do Império Romano do Oriente. A Idade Média foi um percurso de longos séculos, o mesmo ofuscou durante todo seu tempo a capacidade humana de poder interpretar os factos sociais através da razão porque, a visão teocêntrica esteve no centro das atenções.

Hoje, esta é uma Idade que mais informações oferece aos leitores graças aos movimentos que emergiram nos períodos do seu declínio, tal como: Humanismo, Iluminismo e Renascimento, sem esquecer as outras grandes obras desenvolvidas pelos intelectuais da época como é o caso do Leonardo da Vinci.

Nesta longa Idade Média os homens eram esmagados sob os símbolos antigos, a modernidade trilhava dificilmente um caminho entre os tabus sagrados, as astúcias da história encontravam-se na repressão exercida pelo poder religioso (Goff, 1986).

A Idade Moderna teve o seu início no século XV com a queda do império romano do oriente e termina no século XVIII com o início da Revolução Francesa em 1789. Na verdade, Bacon e Descartes são considerados como os grandes pensadores e tidos como revolucionários da modernidade, mas ambos nunca autodenominaram como modernos, embora adotassem e defendessem em grande parte ideias associadas à modernidade.

A Era moderna trouxe muitas novidades científicas, a modernidade deu lugar a mudança de atitude intelectual que marcou indelevelmente a transição do século XVI para o XVII. No Sidereus Nuncius (1610), Galileu anunciou a descoberta dos satélites mais próximos de Júpiter, contrariando a visão homocêntrica de Aristóteles e o sistema geocêntrico de Ptolomeu. Christophorus Grienberger e Giovanni Paolo Lembo estiveram, além de Clavius, diretamente envolvidos na confirmação das observações de Galileu. Estes dois matemáticos e astrónomos foram professores no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, e integraram o grupo de matemáticos do Colégio Romano que, juntamente com o jesuíta belga Odo van Maelcote, foram interpelados pelo cardeal Roberto Bellarmino acerca das observações de Galileu, tendo confirmado as recentes descobertas astronómicas relativas aos satélites de Júpiter (Neves, 2013).

Para Brakemeier, et al (2018), a Idade Contemporânea teve início na Revolução Francesa em 1789 e continua na actualidade. A Revolução Francesa foi um período de elevada agitação social, política e religiosa em França, que se estendeu a outros países europeus. Representou o fim do Absolutismo, da velha sociedade feudal e dos poderes tradicionais, da divisão social e dos privilégios de classe. As ideias liberais nascidas no Iluminismo começavam a surgir, mas o processo revolucionário não foi pacífico nem fluído, tendo sido marcado pela violência e instabilidade. No seu radicalismo exacerbado, a Revolução e os seus próceres, tudo fez para eliminar qualquer religião ou fenómeno religioso, para extirpar quaisquer resquícios de formas de vida e sentimento cristãos na sociedade. Foi anti-religiosa, primária, no sentido de que visava o fim de toda e qualquer religião. Preconizava um mundo ateu ou sem qualquer religião. Foi anti-católica e, de forma mais específica, anticlerical quando pugnou por erradicar o clero, nomeadamente o regular (ordens e institutos religiosos), e um sem número de instituições católicas.

No mundo globalizado o encontro das religiões é inevitável, as mesmas podem redundar-se em perigosos conflitos, chamados “guerras santas”, ou em absoluto relativismo que já não mais conhece normatividade.

Segundo Fernandes (2006) as análises contemporâneas indicam que as instituições religiosas não mais detêm, hoje em dia, o monopólio do saber. As

orientações do sistema doutrinário religioso são vistas como uma dentre inúmeras formas de se posicionar di ante dos mais variados temas. Isso se deve à possibilidade do sujeito moderno, imbuído da ideologia individualista, exercer múltiplas identidades baseadas em distintos conjuntos de valores.

1.1.2- A gênese da Idade Média.

A Idade Média emerge na história como resultado de três essenciais factores determinantes actuando em convergência: o arruinamento do mundo clássico antigo, a barbarização do espaço europeu e o advento e difusão do Cristianismo. Essa convergência dá-se ao longo dos primeiros séculos da chamada era cristã, mas acentua-se e torna-se determinante no século V. Estes factores permitem compreender o rosto característico da civilização e da cultura medieval, designadamente no que diz respeito ao pensamento produzido durante a sua vigência.

A emergência de uma nova época histórica supõe sempre um processo de decadência da época que se antecede. Implica sempre uma transformação ou metamorfose, em que tem aplicação o aforismo escolástico *corruptio unius, generatio alterius* (a corrupção de uma coisa implica a geração de outra). Assim aconteceu na passagem do mundo antigo para o medieval. A Idade Média resulta, antes de mais, do arruinamento do Império Romano e da civilização e cultura clássica de que este se constituía como último grande suporte (Coutinho, 2008).

A consequência disso é que uma nova idade é sempre feita de uma forma nova sobre uma matéria herdada da que estava arruinada ou envelhecida. Há sempre uma maior ou menor continuidade. Não há rupturas absolutas na história. O que, nesta ordem de ideias, distingue a passagem do antigo para o medieval de outras grandes viragens epocais é que o antigo que aqui é o clássico grego e romano terá na Idade Média uma larga presença. A continuidade prevalece aí sobre a ruptura. Esta dá-se mais no plano da civilização ou das infra-estruturas materiais, que os bárbaros invasores destruíram ou arruinaram; no plano da cultura, porém, os medievais, conscientes da sua inferioridade, sempre reconheceram os valores do Classicismo e, a seu modo, procuraram aproveitá-los e dar-lhes continuidade (Ibidem, 2008).

Os bárbaros que, desde o século III, mas sobretudo ao longo do século V, invadiram e ocuparam o espaço do Império Romano do Ocidente arrastaram consigo três principais consequências. Por um lado, apressaram a ruína do Império, já decadente por razões internas. Por outro, estabeleceram uma nova ordem e uma nova organização políticas, que estarão na base da Europa medieval e mesmo da Europa moderna. Finalmente, infundiram na civilização e na cultura da tradição clássica o seu espírito bárbaro ou o seu primitivismo. Foi este terceiro factor que determinou, no essencial, o sentido regressivo da Idade Média.

1.1.3- Características do Cristianismo na Idade Média.

Falar da Idade Média é de certa forma falar de nós mesmos. Ela representa um longo período de gestação no qual foi criado o mundo moderno: as actuais nações europeias, juntamente com as suas respectivas línguas e literaturas são parte do legado medieval. Posteriormente este legado espalhou-se para outros cantos do mundo com a expansão europeia levada a cabo nos tempos imperiais.

O cristianismo é uma das religiões de maior penetração no mundo. Surgiu como igreja, isto é, como reunião formal dos que professam a mesma fé, no final da Antiguidade, tornando-se uma das instituições mais consolidadas e posteriormente da Europa no decorrer da Idade Média.

Para Aranha (1993), o Cristianismo foi a regra típica da Idade Média, esta religião abarcou um período tão extenso que é difícil caracterizar sem incorrer no risco da simplificação. Afinal, são mil anos (de 416 a 1453), entre a queda do Império Romano do Ocidente e a tomada de Constantinopla pelos turcos. A Alta Idade Média, período que se sucedeu à queda do Império, é caracterizada por um estado de desagregação da antiga ordem e pela divisão do Império em diversos reinos bárbaros. O desejo de unidade de poder, de restauração da antiga unidade perdida, se expressava na difusão do cristianismo representado na Idade Média. Desde o final do Império Romano, quando o cristianismo se tornara a religião oficial (ano 313), estabeleceu-se a ligação entre o Estado e Igreja, pois esta legitima o poder do Estado, atribuindo -lhe uma origem divina.

Coutinho (2008), a influência do Cristianismo na emergência da Idade Média exerce-se progressivamente desde a sua aparição no mundo. Pode-se, no entanto, distinguir três momentos decisivos: O primeiro é o da sua própria afirmação em face do paganismo antigo. Na medida em que traz consigo um fermento de renovação do homem ou de promoção de um homem novo, quer no plano individual quer no plano social, o Cristianismo vai progressivamente fazendo explodir o paganismo, substituindo gradualmente o humanismo pagão, com a sua mentalidade e os seus costumes próprios, por um humanismo cristão. O segundo momento decisivo acontece com a paz de Constantino, outorgada pelo Edito de Milão em 313. A partir daí, a Igreja sai da situação de ilegalidade, clandestinidade e marginalidade, e começa a sua afirmação no plano da organização social, jurídica e administrativa. Organiza-se em dioceses, seguindo o próprio modelo imperial. Ao mesmo tempo, começa a difusão do monaquismo. Dioceses e mosteiros serão os dois grandes pilares da civilização nos primeiros e mais difíceis séculos da Idade Média. O terceiro momento, que é o mais decisivo, dá-se no século V, quando a presença do Cristianismo converge com a presença dos bárbaros e a ruína do Império e da sua civilização. Ele apresenta-se então como a única força espiritual capaz de salvar a história de um retrocesso total no sentido do primitivismo cultural e civilizacional. Com a sua estrutura organizativa já consolidada e o seu ascendente espiritual sobre os bárbaros incultos e selvagens, em face de um mundo de destruição e de ruína. Em sua preocupação pastoral, pondo ao serviço do novo mundo em formação as suas qualidades de «perita em humanidade», assumiu então o papel de salvadora, modeladora e guia da civilização que haveria de surgir das ruínas da civilização clássica. Foi assim que os bispos e os monges se tornaram verdadeiros líderes ou «chefes polivalentes de um mundo desorganizado», juntando à sua função religiosa, uma função política, social, económica e até militar.

Por outra, diga-se que a partir do século IV, o cristianismo se tornou a religião oficial do Estado romano, e esta instituição teve um papel fundamental durante toda a Idade Média. Outra instituição importante que permaneceu nesse período foi o colonato, isto é, uma pessoa recebia um lote de terra e em troca devia prestação de serviço ao proprietário.

Segundo Mateus (2018), a Igreja não reinou de forma soberana sem conflitos, as lutas foram constantes em vários setores da sociedade, o que fez que essa civilização se desenvolvesse, e não houvesse um governo tirânico. Era uma instituição organizada, com condições de estabelecer princípios de governo. Trouxe o conhecimento, parte preservado do mundo antigo, e a própria construção do conhecimento a partir da doutrina cristã. Essa instituição levava à sociedade os princípios de sua ideologia através do discurso, que apresentava ao mundo segundo as leis divinas, mantendo o bom funcionamento social.

Por exemplo na Idade Média os mosteiros levaram para além de suas muralhas o seu ritmo de vida. As actividades diárias eram ritmadas pelo badalo dos sinos e pelo eco das orações vindas dos interiores dos mosteiros. A importância dos sinos na Idade Média era muito grande, pois cada som emitido significava um acontecimento diferente. O bater dos sinos, certamente, marcava os principais eventos da vida urbana, quer chamando os fiéis para a celebração dos ofícios divinos, quer anunciando as festas; ora avisando o início e o fim do trabalho, ora lembrando triste acontecimento ou ainda alertando as pessoas para uma ameaça iminente. Toda a população sabia o significado dos diversos toques, que, apesar de serem incessantes, não perdiam o seu efeito no espírito dos ouvintes (Schipanski, 2009).

Era claro para a sociedade medieval de que Deus é o criador de tudo, é Ele que permitia milagres, que punia e perdoava. Ele representava o lado do bem, tal como onipresente e onipotente, lidera a terra e o além. Todos os cristãos sabiam que seu dever era temê-lo e respeitar suas leis, sob pena de ser condenado à danação eterna. Se fossem bons cristãos receberiam a dádiva da luz divina por toda a eternidade. Mas Deus tinha um inimigo que é o Diabo. E este também exercia uma forte influência sobre a mentalidade medieval. Ele era o anjo caído, aquele que desafiou o Deus Todo Poderoso e foi expulso do Paraíso. Era a encarnação maligna, o inspirador dos pecados, o tentador dos homens e, principalmente, o das mulheres, porque as mulheres eram vistas como mais fracas contra as tentações dos demônios, portanto mais suscetíveis às suas artimanhas (Ibidem, 2009).

1.1.4- O alicerce do Pensamento Medieval.

O pensamento medieval foi uma árvore de três troncos: um tronco cristão, um tronco árabe e um tronco judaico. Do tronco cristão brotaram três ramos: o cristão-sírio, o cristão-árabe e a escolástica. Em todos os três troncos, o pensamento medieval se distingue do pensamento da antiguidade clássica por uma relação íntima com as três religiões monoteístas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. São as chamadas religiões abraâmicas.

A única questão colocada no fundo, e, como fundo de todos os problemas levantados e desenvolvidos pelos medievais de qualquer um dos troncos, é a possibilidade de uma filosofia que absteria do teocentrismo. A comunidade primitiva cristã sentiu a questão em todo o seu desafio, ao entrar em contacto com a filosofia grega do helenismo. Para Leão, (2012) o pensamento medieval dá um encaminhamento diferente e, por vezes, conflitual às relações de convivência entre fé e saber, entre razão e revelação, entre teologia e filosofia, nos seus muitos modos de ação e reação, em suas diversas instituições, em seus variados padrões de relacionamento. As religiões monoteístas fundem, numa unidade de experiência, uma interpretação do mundo e da história, uma visão do homem e da natureza em sua origem e constituição, em seu fim e destino que, em muitas consequências, se chocam com o saber e o conhecimento da razão. Assim, ao longo de todo o desenrolar da filosofia medieval, a racionalidade, a finitude, a imaginação formam as três áreas principais, em que vem desembocar e a que remetem em última instância todos os encontros e desencontros do pensamento com as experiências da fé revelada.

Segundo Schipanski, (2009) a mentalidade da medieval, o corpo era dividido em partes nobres, ligadas ao espírito como a cabeça e o coração, e em partes ignóbeis, referentes às tentações da carne como as mãos, o ventre e as regiões ligadas à sexualidade. Além disso, acreditavam que algumas partes do corpo tinham a função de filtrar o bem e o mal, essas partes eram a boca, os olhos e os ouvidos.

Apesar de os medievais, de uma maneira geral, reconhecerem, em princípio, que a filosofia é um conhecimento fundado em bases próprias, construído com

métodos próprios e seguindo procedimentos específicos, a harmonia de ambos os modos de pensar em níveis de conhecimento impõe e exige na prática que as interpretações da fé, propostas pela Escritura e tradição e definidas pelas instituições religiosas, ocupem um lugar central e desempenhem uma função normativa, e não somente negativa, na elaboração do conhecimento filosófico. Esta foi questão de humildade sobre os conhecimentos porque quase todos os problemas levantados e discutidos na Idade Média nasceram e serviram a um interesse religioso em todos os seus níveis, doutrinário, político, social e vivencial. Também todo o filósofo medieval, sem exceção alguma, queria ser teólogo (Leão, 2012).

1.1.5- A organização Social na Idade Média.

A sociedade medieval esteve organizada segundo os estamentos sociais que vigoraram na Idade Média. A sociedade medieval era uma sociedade estamental, de ordens, onde era muito difícil a mudança de classe social quase não havia mobilidade social, a condição do indivíduo estava ligada ao seu nascimento, como exemplo, se nascesse servo, morreria servo. As principais camadas eram: os bellatores - aqueles que realizavam a guerra, isto é, os nobres ou senhores feudais. Os oratores - aqueles que oravam, isto é, rezavam para a salvação dos demais, isto é, o clero que estava composto por padres, monges, bispos, papa, cardeais, etc. Os laboratores eram aqueles que realizavam o labor, isto é, todo o trabalho, sustentava os outros dois grupos, compostos pelos camponeses. Os servos eram aqueles que serviam os outros e estavam presos à terra onde habitavam.

O regime de trabalho servil se baseava nas obrigações costumeiras devidas pelo servo ao senhor. As principais obrigações eram: corveia era o trabalho gratuito dos servos na terra do senhor e também em outras construções ou consertos; talha era metade da produção do manso servil entregue ao senhor; banalidade era pagamento pela utilização de instalação e ferramentas; dízimo era ou é os 10% da produção para Igreja; mão-morta era o pagamento pelo direito hereditário do manso servil; capitação era o pagamento por cabeça de servos do manso servil (Mateus, 2018).

Nesta Idade o nível da técnica de cultivo era rudimentar, resultando em baixa produtividade; as culturas eram alternadas a cada dois anos (rotação bienal) ou três anos (rotação trienal), com campos de repouso, para não esgotar o solo. As relações de dependência pessoal entre a vassalagem baseava-se entre nobres, o senhor suserano dá benefício em troca de serviços prestados por outro nobre (o vassalo). Mais tarde o benefício ficou conhecido pelo nome de feudo. Poderia ser uma área de terra, um cargo, uma função eclesiástica ou o direito de receber alguma vantagem, mas, com o passar do tempo, foi associado à terra, que era a principal fonte de riqueza no período feudal. O vassalo de um senhor poderia ser suserano de outro nobre. Servidão era uma relação desigual entre senhor e servo. O senhor entrega um lote de terra a um camponês, que lhe deve por este motivo uma série de obrigações na forma de impostos. O senhor deve, em troca, garantirão servo proteção militar.

Direitos e deveres entre os nobres era baseado numa série de direitos e de deveres que competia a suseranos e vassalos. O Suserano dava proteção militar e prestava assistência judiciária aos seus vassalos; receber de volta o feudo, caso o vassalo morresse sem deixar herdeiros; proibir casamento entre seus vassalos e pessoas que não lhe fossem fiéis.

Vassalo tinha a obrigação de prestar serviço militar, durante certo tempo, a seu suserano; libertar o suserano, caso ele fosse aprisionado; comparecer ao tribunal presidido pelo suserano toda vez que fosse convocado.

1.2.1- O advento do Humanismo.

O Humanismo já era esperado na Idade Média devido a emergência de muitos movimentos literários que repudiava o pensamento da época, apesar que a designação do movimento ainda não era imaginável na Alta Idade Média, mas os sintomas já eram frequentes de uma possível revolução das ideias medievais.

O Humanismo é o nome dado a uma corrente filosófica e artística que surgiu no século XV na Europa. Na literatura, ele representou o período de transição entre o Trovadorismo e o Classicismo, bem como da Idade Média para a Idade Moderna. O termo “Humanismo” abriga diversas concepções. No geral, corresponde ao conjunto de valores filosóficos, morais e estéticos que focam no

ser humano, daí surge seu nome. Do latim, o termo *humanus* significa “humano”.³

O Humanismo é representado pelas seguintes características: Racionalidade, Antropocentrismo, Cientificismo, Modelo Clássico, Valorização do corpo humano e das emoções e Busca da beleza e perfeição.

Antropocentrismo, onde o homem está no centro do conhecimento; para entender o conceito de antropocentrismo é importante retomar a concepção do mundo do teocentrismo que imperava na sociedade da Idade Média. O teocentrismo foi a doutrina vigorou naquela sociedade, e segundo a mesma o Deus esteve no centro do universo. Desse modo, qualquer pensamento ou acção que não estivessem baseados nos preceitos descritos pela Bíblia poderiam ser considerados incorrectos e, conseqüentemente, pecaminosos. No teocentrismo, o divino é o fundamento do mundo e não há qualquer pensamento racional ou crença diferente da cristã que esteja acima dessa máxima⁴.

Cientificismo enfatiza encontrar respostas científicas dos fenómenos naturais; Racionalismo faz prevalecer a razão humana; demonstração da figura humana, suas expressões e detalhes das proporções, baseada nos modelos clássicos greco-romanos; descentralização do conhecimento, onde a Igreja perde o monopólio do conhecimento com o desenvolvimento da imprensa⁵.

³ <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/idade-media>

⁴ <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/idade-media>

⁵ <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/idade-media>

**CAPÍTULO II: A IDADE MÉDIA: O FIM DA VISÃO TEOCÊNTRICA E
AFIRMAÇÃO ANTROPOCÊNTRICA.**

CAPÍTULO II: A IDADE MÉDIA: O FIM DA VISÃO TEOCÊNTRICA E AFIRMAÇÃO ANTROPOCÊNTRICA.

O período histórico compreendido entre os séculos XV e XVIII é conhecido pelos historiadores como Idade Moderna. Este período de quatro séculos testemunhou, dentre outros fenômenos, a consolidação do capitalismo mercantilista, a descoberta de um enorme globo terrestre e a exploração do mundo, o surgimento dos Estados Nacionais, o triunfo do racionalismo e do antropocentrismo. Grande parte das estruturas que movem o mundo que conhecemos hoje foi criada neste momento.

Um dos aspectos centrais da modernidade é o recurso incessante à razão. A razão é, de fato, um dos eixos norteadores de todas as atitudes dos homens e mulheres da era moderna, ainda que nem sempre essas atitudes sejam justificáveis. As primeiras manifestações do racionalismo moderno ocorreram dentro do pensamento religioso, a partir dos séculos XII-XIII. Nessa época, a fé pura e simples passou a ser considerada insuficiente para justificar a religião, com isto era necessário baseá-la na razão. Com o tempo, o racionalismo passou a outros domínios do conhecimento e deu origem a um método completamente racional e experimental de investigação da natureza: a ciência. A nova racionalidade científica mais tarde se rebelou contra a própria religião a ponto de, no Iluminismo, grande parte dos principais pensadores serem ateus ou pelo menos anticlericais. Atualmente, essas questões ainda estão muito presentes, como no confronto que parece haver entre ciência e religião (Dauwe, 2008).

O início do mundo moderno deveria caracterizar-se a partir de agora não só como um renascimento, dado que já tinha havido outro, mas como O Renascimento, o que atesta um otimismo impressionante e talvez indevido em relação à posteridade, como se implicasse um potencial permanente da sociedade humana para melhorar.

2.1 - O Humanismo.

O Humanismo foi um movimento literário de transição entre a Idade Média e Moderna. O humanismo, que surgiu a partir do século XV na Europa, começou a questionar diversas questões uma vez que o cientificismo despontava. Muitos estudiosos nem o consideram como movimento literário por ele não possuir

características próprias, ou seja, esse período e suas produções carregavam traços do movimento medieval em decadência e do movimento moderno em ascensão, o Renascimento.

Humanismo abriga diversas concepções no geral, e corresponde ao conjunto de valores históricos, filosóficos, morais e estéticos que focam no ser humano. O Humanismo deriva do latim, o termo *humanus* significa “humano”.

O Humanismo, para além de um movimento transformador, progressivo e sem paralelo no espaço hoje denominado Europa -, que teve o seu proêmio na Idade Média, se consubstanciou no Renascimento, atingiu a sua maturidade no Iluminismo e originou, no seu percurso, um rompimento gradual com o Teocentrismo Medieval, representa uma novel conspeção sobre o homem no mundo, passando a predominar a Visão Antropocêntrica, onde o ser humano passou a ser o centro das perscrutações e inquietações, e constitui ainda uma reconquista dos valores da Antiguidade Clássica, podendo ser definido, enquanto filosofema, como um conjunto de ideais e princípios que, emanando do imo do ser humano, orientam e valorizam as suas ações nas mais diversas áreas, através de alteados valores doutriniais, mormente a arte, a ética, a moral, o respeito, a justiça, a honra, o amor, a liberdade e a responsabilidade (Monteiro, 2017).

O humanismo é isto: meditar, e cuidar para que o homem seja humano e não desumano, inumano, isto é, situado fora da sua essência (Idem, 2017, p 10).

O Humanismo teve o antropocentrismo como seu eixo principal de estudo, o antropocentrismo questionou e derrubou o teocentrismo, incluso dentro da arte religiosa, humanizando o divino, apresentando o anterior *Pantokrator* como um Jesus muito humano, demasiadamente humano, sofredor e mortal, e às imagens do Criador, antes ícones estáticos e simbólicos, como um ser feminino, poderoso, que se aproxima ao homem, embora pareça indiferente. Colocar o homem no centro dos diferentes saberes e das artes, derrubou também o monopólio eclesiástico sobre o conhecimento e revolucionou a forma de aproximar-se do mundo para lhe arrancar os seus segredos, e a ciência empírica viu a luz graças aos sábios renascentistas.

2.1.1 - A afirmação do Humanismo.

O movimento humanista começou na Itália, no século XIV. Trata-se de um período de transição para as nações europeias no âmbito das artes e da economia. Nesse momento, passa-se do feudalismo para o mercantilismo e os ideais burgueses começam a influenciar a dinâmica social. Uma das principais características do humanismo é Antropocentrismo, onde o homem torna-se o centro do mundo. Desta forma, tem-se a valorização do ser humano, bem como de suas emoções e pensamentos.

Astro (2005), salientou que o referido processo histórico vivido na Europa Ocidental é conhecido como humanismo, este processo foi apenas a primeira manifestação cultural, a qual por sua vez consistiu-se como um evento histórico anunciador deste período denominado Renascimento Cultural. Convém ressaltar que o saber produzido nesta região do ocidente europeu (península itálica), onde primeiro se verificou a ascensão do humanismo, não sofreu rupturas tão violentas como as sofridas por outras regiões ocidentais no que diz respeito às heranças do conhecimento herdado no Império Ocidental.

O humanismo renascentista, particularmente sensível aos valores culturais e estéticos do classicismo greco-romano, dedicou-se a cultivá-los com entusiasmo, na língua, na literatura, na arte em geral e na própria vida. Em consequência, os homens do Renascimento nutriram um enorme desprezo pela cultura e pela arte medieval, considerados como bárbaros ou «góticos», incomparáveis com o esplendor da arte clássica que fizeram renascer. Ao mesmo tempo, substituíram o estilo medieval de vida, adotando ideais, valores e modelos do humanismo clássico pagão.

Para Coutinho (2008), o movimento da Reforma protestante desencadeou uma reação paralela no campo religioso dentro do contexto humanístico, o quadro de referência modelar da vida religiosa cristã era para os reformadores o da Igreja dos primeiros séculos, pré-medieval, que consideraram a mais próxima do genuíno Evangelho de Cristo. No estrito aspecto religioso, a Igreja da Cristandade representou para eles um recuo ou um afastamento daquele, uma desvirtuação, degenerescência ou adulteração do autêntico cristianismo:

substituiu a Bíblia por Aristóteles, o Evangelho pela Escolástica, Jesus Cristo pelo Papa, e assim por diante.

O Humanismo Renascentista funda os pressupostos do pensamento moderno. Mas é fundamental ressaltar que o Renascimento não seria Renascimento sem as bases da Idade Média e que principalmente no direito grande parte da jurisprudência moderna é de herança medieval.

O humanismo, a partir do século XIV e XV que se valorizará a vida humana terrestre pela presença constante e consciente da mortalidade. Ele não aceita "a oposição entre o cristianismo medieval voltado para o além, onde a vida terrestre é a antecâmara da eternidade, e a Renascença voltada para o presente, onde a morte nem sempre é o início de uma vida nova (Dias, 2007).

2.1.2 - As Principais Características do Humanismo.

Uma das principais características do humanismo é Antropocentrismo, onde o homem torna-se o centro do mundo. Desta forma, tem-se a valorização do ser humano, bem como de suas emoções e pensamentos. O Racionalismo faz parte das características do humanismo e pode ser entendido como sendo o uso exclusivo da razão para se alcançar o conhecimento dito verdadeiro, sem fazer uso da experiência sensível, uma vez que os sentidos não são confiáveis e sim são confusos e, conseqüentemente podem nos enganar, isto é, o conhecimento provem da razão e não dos sentidos; sendo assim a razão controla a percepção sensorial, experiência sensível, e esta, poderia "participar do conhecimento verdadeiro⁶.

O cientificismo como força organizadora fez impregnar nas ciências históricas o paradigma das ciências naturais, fazendo com que seus mitos, muitos deles de origem, criassem impedimentos mútuos⁷, por sua vez o Classicismo é a valorização dos aspectos culturais e filosóficos da cultura da antiga Grécia e Roma e Universalismo consiste na ideia de que as ciências modernas, como conjuntura sócio-epistémica e aparelho de produção e legitimação de um saber-

⁶ https://www.academia.edu/4749225/Racionalismo_compreens%C3%A3o_geral

⁷

https://www.researchgate.net/publication/281791124_O_peso_do_cientificismo/link/5684513a08ae197583937f53/download

poder hegemônico, geram mais conhecimentos que qualquer outra proposta epistemológica na história humana⁸.

De facto como estudioso é preciso saber que o humanismo na época da república romana, “*humanitas*” foi, pela primeira vez, expressamente pensada e visada, sob este nome. O *homo humanus* contrapõe-se ao *homo barbarus*. O *homo humanus* é, aqui, o romano que eleva e enobrece a *virtus* romana através da incorporação da *humanitas* herdada dos Gregos. Estes Gregos são os Gregos do helenismo cuja cultura era ensinada nas escolas filosóficas. Ela refere-se à *eruditio et institutio in bonas artes* (Monteiro, 2017).

Contudo, o Humanismo enquanto criação genuína do pensamento europeu não tem uma única fonte e uma exegese exclusiva. Outras origens e formas de o entender brotam do entendimento humano, por isso, por humanismo, se entende de modo geral, o empenho para que o homem se torne livre para a sua humanidade, para nela encontrar a sua dignidade, então o humanismo distingue-se, em cada caso, segundo a concepção da «liberdade» e da «natureza» do homem. Distinguem-se, então, do mesmo modo, as vias para a sua realização. O humanismo de Marx não carece de retorno à Antiguidade, como também não o humanismo que Sartre concebe, quando fala em Existencialismo. Neste sentido amplo, em questão, também o Cristianismo é um humanismo, na medida em que, segundo a sua doutrina, tudo se ordena à salvação da alma (*salus aeterna*) do homem, aparecendo a história da humanidade, na moldura da história da salvação. Por mais que se distingam estas espécies de humanismos, segundo as suas metas e fundamentos, segundo a maneira e os meios de cada realização, segundo a forma da sua doutrina, todas elas coincidem nisto: que a *humanitas* do *homo humanus* é determinada a partir do ponto de vista de uma interpretação fixa da natureza, da história, do mundo, do fundamento do mundo, isto é, do ponto de vista do ente na sua totalidade (Idem, 2017).

⁸ <https://www.even3.com.br/anais/viimostradevry/29559-o-universalismo-cientifico--integracao-e-deslegitimacao-de-conhecimentos-indigenas/>

2.1.3 - O Renascimento Cultural.

O Renascimento cultural foi um movimento artístico, cultural e científico, ocorrido nos séculos XIV, XV e XVI, início da Idade Moderna. O movimento foi marcado pela crítica a cultura religiosa medieval, baseada na fé, quase que a rejeição da ideologia da Igreja Católica Romana, apesar dos temas religiosos presentes em algumas de suas manifestações artísticas. - O movimento difundiu-se primeiramente na Península Itálica devido à enriquecida burguesia da região que se beneficiou sobremaneira com o comércio mediterrânico ocidente oriente⁹. Além disso, após a Queda de Constantinopla, muitos pensadores do antigo Império Bizantino fugiram para a Itália, auxiliando na difusão dos saberes da cultura greco-romana clássica.

A Itália financiou a criação da arte com as vias comerciais do Oriente que passavam pela Itália. Por isso, os portos do sul acumularam capitais, o artesanato e a indústria têxtil cresceram e formaram uma poderosa burguesia. Roma, a capital do catolicismo, colaborou com esse enriquecimento, pois lá chegavam às ajudas e tributos de toda a Europa cristã. Em 1450, a cidade foi reconstruída em torno da nova Catedral de São Pedro. Para pagar as despesas, a Igreja recorreu à arrecadação de tributos e à venda de indulgências, fato que daria lugar à Reforma de 1517. Mas algo de bom nos deixou esses abusos, pois na reconstrução da cidade e da Catedral, muitos artistas (escultores, arquitetos e pintores) foram contratados, entre eles Miguel Ângelo, que pintou a Capela Sistina (Conde, 2015).

Não é difícil percebermos a influência humanista em diversas obras clássicas do Renascimento. Obras literárias, como *Os Lusíadas*, de Camões, que faz alusões diretas aos feitos dos antigos, à sua mitologia e que imita sua forma de narrativa (a epopeia), ou textos filosóficos como os *Ensaio de Michel de Montaigne*, repletos de referências a filósofos e personagens históricos da Antiguidade, são exemplos marcantes. Esculturas, como *o Davi* e *o Moisés*, de Michelangelo, com uma perfeição anatômica comparável aos melhores trabalhos dos escultores gregos, pinturas como *O Nascimento da Vênus*, de Sandro Botticelli, ou mesmo

⁹ <https://www.even3.com.br/anais/viimostradevry/29559-o-universalismo-cientifico--integracao-e-deslegitimacao-de-conhecimentos-indigenas/>

peças teatrais, como as tragédias de Shakespeare, no modelo das tragédias gregas, também foram fortemente influenciadas pela herança clássica.

Renascimento significa um grande movimento de mudanças sociais, culturais e científicas, que atingiu as camadas urbanas da Europa Ocidental entre os séculos XIV e XVI, no período de transição envolvendo as estruturas feudo capitalistas, caracterizado pela retomada dos valores da cultura clássica greco-latina. A ruptura com o pensamento medieval é verificada através da nova forma de ver o mundo, que resgatou a perfeição da antiguidade clássica, sem contudo copiá-la, apenas servindo de inspiração para a profusão criativa do período. Entre os valores da cultura clássica grecolatina estão: o antropocentrismo, o homem é a medida de todas as coisas; o racionalismo, convicção de que tudo pode ser explicado pela razão do homem e pela ciência; o empirismo, recusa em acreditar em qualquer coisa que não tenha sido comprovada; o individualismo, a idéia de que cada um é responsável pela condução de sua vida; o naturalismo, a importância do estudo da natureza aguçando o espírito de observação do homem; o hedonismo, a idéia de que o homem pode produzir o belo, pode criar uma obra apenas pelo prazer que isso possa lhe proporcionar e o Universalismo, o homem deve desenvolver todas as áreas do saber. O principal modelo de “homem moderno”, sem dúvida, é Leonardo Da Vinci, matemático, físico, pintor, escultor e estudioso da biologia (Godinho, 2012).

Nas artes, o ideal humanista e a preocupação com o rigor científico podem ser encontrados nas mais diferentes manifestações. Trabalhando ora o espaço, na arquitetura, ora as linhas e cores, na pintura, ou ainda os volumes, na escultura, os artistas do renascimento deram aos seus trabalhos equilíbrio e elegância, procurando, juntamente com os temas religiosos, explorar a mitologia e as cenas do cotidiano. Os artistas renascentistas acreditavam que tudo o que era bonito tinha formas geométricas precisas e equilibradas. Por isso, a arte renascentista era proporcional e baseada em figuras matemáticas, como a esfera, o cubo, o triângulo e a pirâmide. A perfeição geométrica e a beleza artística andavam juntas e atuavam em perfeita harmonia (Idem, 2012).

A literatura renascentista mostra-se bastante liberal no que tange as imposições morais, almejando alcançar uma moral naturalista. O antropocentrismo é

fortemente percebido, em oposição ao teocentrismo medieval. O homem busca o conhecimento utilizando a natureza como modelo básico, considerando as obras clássicas como modelos a seguir, mas não se restringindo a uma simples imitação, e sim dando-lhe um aspecto criativo e inovador. A influência greco-romana está presente em várias obras desse período como: 'os Lusíadas', de Luís de Camões; a poesia pastoral de Angelo Poliziano; os escritos eróticos de Pietro Aretino; e a lírica do espanhol Jorge Manrique. O interesse pela cultura, se torna cada vez mais evidente, no 'Elogio da Loucura', do holandês Erasmo de Rotterdam; em 'O príncipe', de Nicolau Maquiavel, pragmático manual da arte de governar; ou nos romances satíricos de François Rabelais, 'Gargantua e Pantagruel'. A arquitetura renascentista é descendente natural da arte da Antiguidade Clássica, da Grécia e de Roma, da qual herdou os princípios fundamentais de harmonia e equilíbrio. Criaram assim, uma arquitetura monumental, de grandes construções e ligada aos princípios do Humanismo.

Uma das principais características da arquitetura Renascentista, portanto, foi a busca de uma ordem que superasse o ideal de infinidade das catedrais góticas. A ocupação do espaço baseia-se em relações matemáticas estabelecidas de tal forma que o observador possa compreender a lei que o organiza, de qualquer ponto em que se coloque. Mesmo que o conceito de imitação da natureza não se evidencie de modo claro na arquitetura renascentista, não se pode deixar de observar que ela serviu de inspiração para as obras arquitetônicas. Os arquitetos, neste período, são fortemente influenciados pelo Classicismo e adotavam um estilo individual, o que refletia a sua autonomia, cada vez maior. A arqueologia deu uma grande contribuição à escultura renascentista, por conta das escavações realizadas em Roma, que trouxeram ao conhecimento de todas as obras primas da estatuária greco-romana. Influenciada por essa descoberta, a escultura renascentista recuperou a grandeza da Antiguidade Clássica. Entre os escultores desse período destacaram-se Donatello (1386-1466), Lorenzo Ghiberti (1378-1455), Bernardo Rossellino (1386-1466), Andrea Del Verrochio (1435-1488) e Michelangelo Buonarroti (1475-1563) (Godinho, 2012).

Os escultores nas suas obras, que eram na maioria representações de uma figura humana nua, procuravam exprimir as paixões e os sentimentos característicos do Homem, baseando-se na Bíblia, na mitologia e na natureza.

Eram grandes estudiosos da perspectiva e baseavam seus estudos em rigorosos desenhos prévios que possibilitaram às esculturas adquirir a proporção e o realismo característicos do renascimento. Foi também no renascimento que os escultores passaram a dominar com perícia os materiais utilizados: mármore, pedra, bronze, madeira ou terracota. Donatello foi um grande escultor, que introduziu o humanismo, precedendo o naturalismo e a glorificação do nu. Entretanto, a escultura renascentista chegou ao seu apogeu com as obras de Michelangelo, que utilizou enormes blocos de mármore e deixou obras de grande porte e beleza, influenciadas pelos ideais estéticos helenísticos. Na sua obra se observa claramente a transição do classicismo puro, expresso em seu “Davi” e em ‘Pietà’, para o Maneirismo, observado em obras como os ‘Escravos’ e ‘Moisés’.

O afastamento que se observa atualmente entre áreas científicas e religião é uma das características da ciência da modernidade, contudo no renascimento ainda não existia a modernidade como a conhecida a partir do século XVIII. O Renascimento é a gênese do pensamento moderno, onde a ciência e religião ainda possuem forte enlace. Observando as obras renascentistas, principalmente no campo das artes, pode-se constatar que a estruturação do pensamento dessa época não se realizou exclusivamente pelo campo da ciência, tampouco pelo campo da religião, e sim por ambos. Entre as inúmeras sínteses e fusões que o renascimento instaura, talvez as mais significativas estejam encarnadas na figura do artista, que através de suas criações, demonstra primorosamente o sentimento de novidade despertado pelo humanismo.

A renascença possibilitava a emancipação da arte em relação aos dogmas católicos. Assim, o teatro se revolucionou, com obras históricas, cujos autores foram buscar nos clássicos gregos e romanos suas inspirações. É o caso do italiano Nicolau Maquiavel (1469-1527), autor da peça teatral ‘A Mandrágora’. Maquiavel buscava a todo custo explicar as contradições de sua sociedade, não utilizando um apelo transcendental de deuses e dogmas misteriosos, mas sim com explicações científicas reais. No século XVI, chegou ao apogeu, na Itália, a “Commedia dell'Arte”, assim chamada porque nela, o talento e a capacidade de improvisação dos artistas sobrepujavam o texto literário. A “Commedia dell'Arte”

tinha personagens fixos, tais como Arlequim, Scaramuccia, Brighela, Pantalone, etc., os quais desenvolviam sua representação de acordo com as características de tais tipos.

O Renascimento abarca aproximadamente cento e trinta anos, de 1400 a 1530. Surgiu na Itália porque foi ali que o feudalismo se extinguiu primeiro, e faleceu na Espanha, onde o feudalismo se alastrou por muito mais tempo. Esse matiz influenciou também a política, pois a Itália se converteu em um conjunto de Cidades-Estado, enquanto que a Espanha se unificaria em torno de um Reino feudal. A Itália financiou a criação da arte com as vias comerciais do Oriente que passavam pela Itália. Por isso, os portos do sul acumularam capitais, o artesanato e a indústria têxtil cresceram e formaram uma poderosa burguesia (Conde, 2015).

2.1.4 - O Renascimento Científico.

Segundo Martins (2004) facto de o Renascimento ocorrer primeiro na Itália poderia dever-se, em parte, às próprias estruturas políticas do momento: a multiplicidade das cidades-estados autônomas, cujo tamanho reduzido e ilimitado sentido de orgulho cívico alimentaram as comparações com a Roma republicana e permitiram a emulação dos seus valores, cerimônias, arte, arquitetura, literatura e linguagem, num contexto novo também deve algo, inegavelmente, aos esforços de sábios e de professores, que investigaram para redescobrir e restaurar os textos e os monumentos antigos, e dos advogados, que no seu trabalho diário se aproximaram das convenções da retórica clássica e comentaram os preceitos da Lei Romana de tal modo que se puderam aplicar à realidade do século XIV.

Em meados do século XV as marcas da influência do mundo antigo vão encontrar-se na cultura italiana, não somente como imitação artística ou literária, mas também através do impacto da sua filosofia e dos seus valores morais sobre quase todos os aspectos da vida social e política. Veneza, Pádua, Milão e Bolonha, Siena e Roma, todas tinham os seus papéis a desempenhar nesta evolução singular (Idem, 2004).

Para Conde (2015), a Idade Média havia sido uma época na qual as obras literárias do passado não estavam disponíveis com facilidade na Europa. A maior parte das que haviam sobrevivido estavam longe do alcance do Ocidente, concentradas no Império Bizantino ou traduzidas pelos muçulmanos e difundidas para todos os seus domínios; as demais estavam em poder dos mosteiros, onde as preocupações essenciais eram religiosas, e pouco se cultivavam outras áreas do saber. Raríssimas eram as obras em poder de particulares, em geral senhores feudais muito ricos, uma vez que os livros, manuscritos e cuidadosamente elaborados, eram proibitivamente caros, e a alfabetização, fora dos mosteiros, era tão rara quanto desnecessária.

Já no mundo muçulmano, a situação era completamente diversa. Quando expandiram seus domínios por todo o Oriente, África, Península Ibérica e sul da Península Itálica, os árabes tomaram contato com acervos sem igual nas bibliotecas do Oriente, e ficaram fascinados pela filosofia e pela cultura clássica da Grécia. Traduziram para o árabe e espalharam edições dessas obras pelas inúmeras bibliotecas que criaram em todos os seus domínios, e diversos estudiosos muçulmanos se dedicaram a interpretar a filosofia grega e adaptá-la ao Islamismo (Idem, 2015).

No século XII, um dos principais centros de difusão cultural do islã era a Espanha muçulmana (em árabe, Al-Andaluz), onde havia se constituído o Califado de Córdoba. Lá, filósofos muçulmanos e até judeus (pois o califado era bastante tolerante com outras religiões) adaptavam com sucesso a filosofia grega clássica aos preceitos religiosos. Dentro da filosofia islâmica, a obra de Aristóteles ocupava um papel relevante (1126-1198), através de estudos profundos da obra do filósofo grego, lançou as bases de um sistema filosófico e religioso que viria a influenciar profundamente o pensamento escolástico na Europa cristã (Conde, 2015).

A teologia, do final da Idade Média, foi enormemente influenciada por essa redescoberta das obras filosóficas do passado. Até o século XII, o pensamento da Igreja esteve baseado na obra de Platão e dos neoplatônicos, que haviam dado a Santo Agostinho e outros uma explicação bastante engenhosa para a existência humana. De acordo com essa explicação, o mundo terreno seria um

lugar de sofrimentos, do qual o ser humano deveria se esforçar para escapar e salvar-se através da fé. A investigação do mundo natural, dessa forma, não tinha importância: as questões de fé eram as únicas relevantes (Idem, 2015).

Dauwe (2008), no humanismo a redescoberta dos textos gregos antigos, que inspirou a Escolástica, esbarrava em uma dificuldade importante: os textos disponíveis geralmente eram traduções para o latim de obras que já eram traduções árabes dos originais, o que trazia incerteza sobre o significado original dos textos. Alguns escolásticos apontavam esse fato como uma grande limitação do conhecimento, mas nos séculos XIII e XIV havia pouco a se fazer quanto a isso. Com a tomada de Constantinopla pelos turcos (1453), no entanto, muitos estudiosos gregos que lá viviam fugiram para a Itália, beneficiados pelo mecenato das repúblicas de Gênova e Florença. Levaram consigo textos originais das obras antigas e passaram a constituir uma nova categoria de estudiosos, não vinculados à Igreja ou (o que na época vinha a dar no mesmo) a uma Universidade medieval.

A invenção da imprensa, na mesma época, ajudou a difundir as obras recém-trazidas, e nos séculos XV e XVI o interesse pelos originais da civilização clássica criou um movimento chamado de Humanismo. O termo fazia uma alusão ao conceito que Cícero (106-43 a.C.) tinha desse termo: um estágio elevado de cultura, que dignifica os seres humanos que a criaram. Dessa forma, o Humanismo do Renascimento consistia em uma busca da perfeição cultural, que eles entendiam haver existido na Antiguidade Clássica greco-romana e se perdido durante o período feudal. As obras artísticas inspiradas pelo Humanismo, então, utilizavam-se da cultura clássica como fonte de inspiração retórica, mitologia, estilística (Dauwe, 2008).

2.2.1 - O Fim do Renascimento.

Costuma-se pensar que o termo “Renascimento” é tão claro que não necessita de uma definição; no entanto, pode-se usá-lo em dois sentidos bem diferentes. O termo pode se referir a um período da história, e também pode descrever um conjunto de ideias e de valores culturais bastante claros. Normalmente, se tem conhecimento de que o Renascimento iniciou em Itália durante o século XIV,

com a obra dos pintores Giotto (1266-1337) ou Cimabue (1240-c. 1302), e que termina no final do século XVI.

Muitas das ideias que associamos ao Renascimento já se podiam encontrar no século XII, da mesma forma que no Renascimento há muito de medieval. É errado marcar limites rígidos. Os eruditos e os artistas do século XV e XVI estavam conscientes de que viviam numa época de fundamentais mudanças culturais. O artista e historiador de arte Giorgio Vasari (1511-1574), italiano, escreveu em 1550 sobre um segundo nascimento das artes em Itália. Notou que as artes procuravam a perfeição e que se estava assistindo a uma recuperação da civilização antiga da Grécia e de Roma. O erudito humanista Marsilio Ficino (1433-1499) falou de uma nova idade dourada em Florença que “tinha restaurado a vida das artes liberais, que estavam quase extintas: a gramática, a poesia, a retórica, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música e o antigo cantar de canções na lira órfica”. Já no século XIV, o poeta e humanista Petrarca (1304-1374) sugeriu que amanhecia um novo período, dado que os homens “saíram da obscuridade para voltar ao brilho puro e prístino” da Antiguidade.

A revolução e inovação do conhecimento das coisas pode suscitar uma outra interpretação de que o Renascimento como tal não tem um fim concreto porque cada vez mais o homem depara-se com as coisas novas ao exemplo das renovações artísticas supracitadas. A palavra Renascimento se foi empregar para dar significado das novas descobertas, vale então salientar que o erro só o é, devido o surgimento do novo e, este novo é contínuo, por isso historicamente o Renascimento que marcou o fim da Média e início da Idade Moderna diz-se que teve o seu fim no século XVI, porém as inovações que podem significar um outro Renascimento continuam.

A primeira *renovatio* ou “renovação” teve lugar no tempo de Carlos Magno, no final do século VIII e no início do século IX. Depois da sua coroação como imperador em 800, Carlos Magno ambicionava restaurar o Império Romano na Europa Ocidental, promovendo um renascimento da arquitetura e da literatura romanas. Voltou a construir o palácio real em Aachen no estilo da Roma antiga, autorizou a cópia e a difusão dos textos clássicos e reuniu um grupo de eruditos dedicados ao estudo da literatura romana. Os seus membros deram a si próprios

nomes clássicos como Horácio e Homero; referiam-se ao palácio de Aachen como a segunda Roma e faziam planos para o estabelecimento no império de Carlos Magno de uma “nova Atenas, só que muito melhor. Mas o Renascimento mais falado em literatura é sobre a transição da Idade Média à Moderna uma vez o termo então já foi usando muito antes do século XV, é desta forma que as coisas novas estão interligadas às coisas antigas (Martins, 2004).

Fechando o círculo que aborda os aspectos renascentista é importante frisar que há múltiplas manifestações do Renascimento que são favoráveis à ilustração: o restabelecimento dos estilos clássicos, a generalização do estudo, a interação complexa de ideias pagãs e cristãs, uma fé redescoberta na dignidade do homem, um sentido da pompa e da circunstância reforçado pela iconografia e pelo cerimonial da Roma antiga, o regresso dos deuses pagãos em todo o seu esplendor significativo e a pintura da natureza circundante. Aliás, como foi sugerido, já não é possível escrever a história cultural em grande escala. Talvez o exame cuidadoso das lâminas e dos mapas, como elementos auxiliares da narrativa histórica, pudesse permitir aos leitores formar na sua própria mente a síntese que é negada ao historiador: uma síntese sem dúvida tão brilhante e idiossincrática como o são em si mesmos muitos produtos do Renascimento.

2.2.2- A Idade Média é a idade das luzes ou das trevas?

A Idade Média europeia durou dez séculos e a mesma se constitui numa “idade do meio”, situada entre a queda do Império Romano e o início do Renascimento. Antigamente, os historiadores consideravam a Idade Média um período de decadência entre a prestigiosa Antiguidade e o Renascimento, quando os europeus reatam com a civilização antiga, não só nas artes, como na política e até na organização económica. A Idade Média resulta, antes de mais, do arruinamento do Império Romano e da civilização e cultura clássicas de que este se constituía como último grande suporte.

A Idade Média não foi, como muitos teimam em dizer, um período de estagnação histórica, social e cultural. Muito pelo contrário. O período medieval corresponde a um milênio de riquíssimos acontecimentos, e, como defende Paolo Grossi, para pensá-lo deve-se partir de um campo de análise liberto da ideia de que esse seria um período transitório, sem autonomia e frágil como momento histórico: A

retórica ideologicamente carregada de humanismo renascentista, marcando como Idade Medieval *media aetas*, a idade a ele precedente, é dizer, aquela idade que se estende por quase um milênio desde o século V até o século XV, pretendeu indicar com ele, realizando maliciosamente seu caráter de idade transitória, sua não-autonomia, sua debilidade como momento histórico. Essa é uma perspectiva que falseia a realidade e que há tempos a historiografia se dispôs a remover, e que o historiador do direito pode unir sua voz com plena consciência para combater tal falseamento: a construção medieval de uma ordem jurídica própria é a demonstração de uma intensa originalidade em virtude de sua intensa historicidade; um complexo harmônico de construções típicas porque respondiam e eram adequadas às exigências históricas, estavam fundadas em novos valores emergentes e, enquanto tais, eram expressivas da sociedade em suas mais remotas raízes (Dias, 2007).

Dessa maneira não é exagero afirmar que se a Idade Média, considerada Idade das Trevas, por suas barbáries e obscuridades representou o inverno de nossa história, o renascimento foi a primavera, com a profusão criativa representando o desabrochar das flores que viriam nascer a modernidade (Godinho, 2012, p. 7).

Na verdade, não houve “uma única Idade Média”, mas sim “diversas Idades Médias”, às quais damos nomes variados: primeira ou segunda, central, adulta, feudal, merovíngia, carolíngia ou capetíngia, romana e gótica, época das catedrais ou dos principados. Muitas vezes distinguem-se Alta e Baixa Idade Média, ocorridas, respectivamente, antes e depois do ano mil. Considera-se que ela começa no início do século V e que se encerra no fim do século xv. Na verdade, nenhum acontecimento específico marcou bruscamente seu início e seu fim: essas datas são úteis aos historiadores para medir mudanças de que as mulheres e os homens da Idade Média não tinham consciência (Carpentier, 2014).

Para Coutinho (2008), a Idade Média teve e tem os seus valores, é nela que surgiu o humanismo renascentista, particularmente sensível aos valores culturais e estéticos do classicismo greco-romano, dedicou-se a cultivá-los com entusiasmo, na língua, na literatura, na arte em geral e na própria vida. Em consequência, os homens do Renascimento nutriram um enorme desprezo pela

cultura. Todos os historiadores admitem que a doutrina veiculada pelo Cristianismo influenciou o rumo da filosofia, especialmente ao longo da Idade Média. No que nem todos estão de acordo é no sentido e na medida dessa influência. O panorama do pensamento medieval mostra que, de facto, no plano filosófico, ele viveu em larga medida do legado filosófico grego e antigo, especialmente platónico-neoplatónico e, a partir do século XIII, também aristotélico. Então não é exacto considerar a Idade Média como uma idade das trevas porque o seu legado continua imortal na sociedade.

A formação científica do homem actual vem desenvolvida na Idade Média, a ideia de Universidades é da Idade Média. Por exemplo o termo escolástica deriva da escola. A Escolástica foi um vasto fenómeno cultural, com especial incidência na teologia e na filosofia medieval, que se desenvolveu na base e a partir da estrutura escolar da Idade Média, entre os séculos XI e XV. Quando se fala em filosofia ou teologia escolásticas entende-se uma filosofia e uma teologia que, embora ligadas a algumas personalidades individuais, são, antes de tudo, produto colectivo das escolas superiores do tempo medieval. Por isso se fala também em termos de filosofia e teologia das escolas. É preciso todavia ter em conta que, embora sem muita semelhança de ligação às escolas e ao método escolástico, a verdade é que é nesta altura que se desenvolveram algumas linhas de pensamento, como o misticismo do Mestre Eckhart, as quais, por terem sido produzidas no mesmo período, costumam também ser integradas na Escolástica (Coutinho, 2008).

Sobre a Escolástica, como de resto sobre toda a Idade Média, não têm sido uniformes os juízos da história. Enquanto que uns a apreciaram grandemente, algumas vezes mesmo até ao ponto de a considerarem o modelo mais acabado da elaboração e do ensino da filosofia e da teologia, outros fazem sobre ela um juízo negativo. A Escolástica constituiu, sem dúvida, um fenómeno ímpar na história do pensamento ocidental. Fenómeno intimamente ligado à Cristandade medieval, que nela viu concretizado o seu espírito colectivista e o seu modelo organizativo, ela reflecte no domínio do saber (Idem, 2008).

Na Idade Média os estudos iniciavam-se nas escolas paroquiais ou presbiterais, ligadas às paróquias e onde as crianças aprendiam a ler, escrever e contar,

juntamente com alguma formação religiosa e litúrgica. Não foi a estas, porém, que a cultura escolástica andou directamente ligada, mas sim àquelas que, nesse tempo, representavam o ensino médio e superior. Tais foram as escolas episcopais, monásticas e palatinas, a que cresceram, desde finais do século XII e princípios do século XIII, as escolas conventuais, ligadas aos conventos das novas ordens mendicantes, franciscanos e dominicanos, que nas grandes cidades tinham maior dimensão chamando-se Estudos Gerais, e sobretudo as universidades (Coutinho, 2008).

Segundo Dias (2007), não que na Idade Média não existisse a ideia de indivíduo. Este existe, mas, diferentemente da visão moderna que o concebe como um ser isolado e autônomo, o período medieval o concebe como algo relacional, ou seja, como uma parte integrada num todo. Percebe-se, então, dentre as principais características da Idade Média: a valorização dos fenômenos coletivos, a concepção do poder como algo repartido em múltiplos corpos dotados de autonomia política e jurídica; poder político global responsável por manter a autonomia de cada corpo social e seu estatuto; concepção do indivíduo apenas como parte do grupo; inexistência de direitos individuais, mas apenas corporativos – direitos dos membros de um corpo social, isto porque nenhum sujeito é visto em sua condição individual, mas apenas a partir de sua posição no todo, seu *status*, que corresponde à situação jurídica do sujeito.

2.2.3 - A transição da Idade Média para Idade Moderna.

Na Idade Média: predomínio da ordem teocêntrica e início da antropocêntrica (do século V d.C. até o século XIV ou XV) Diferente da concepção Antiga da natureza, a visão medieval é “teocêntrica” e novos aspectos da concepção da natureza surgem, principalmente, por meio da tradição bíblica, baseada na tradição cristã, na qual a natureza é apreendida no âmbito da criação. Nessa cosmologia cristã existe um Criador, o qual não faz parte da natureza. Por razões óbvias, acrescentou-se que quem atribui a cada ser a sua determinação individual, isto é, a sua *physis*, é Deus. Nesta Idade alterou-se a imagem da natureza fora do homem, assim como a imagem da natureza dentro do homem. De um lado, a doutrina aristotélica, segundo a qual a possibilidade do homem aperfeiçoar-se submetendo à razão os seus impulsos e as suas paixões, foi

ganhando fundamento cristão. De outro, a natureza inteira foi igualada ao âmbito da criação: nela se manifestam a bondade e a sabedoria divina (Backes, 2009).

Na Idade Média, com a concepção judaico-cristã, a natureza passou a ser vista como terra que deve ser dominada. A esse respeito, relata que em lugar da ordem cosmológica, imutável e a-histórica, assim como estabelecida pela cultura grega, a cultura judaico-cristã põe uma ordem antropocêntrica, na qual a natureza se transforma em puro material a ser usado fora de qualquer consideração ética. Tudo isso não é apenas um dado de fato que o sucesso técnico-científico leva a legitimar, mas algo que acaba teorizado pelas posições filosóficas, provando que a pré-compreensão de origem judaico-cristã da natureza condiciona antecipadamente também os sistemas filosóficos que presumiam estar imunes a isso (Idem, 2009).

O humanismo foi um movimento artístico e filosófico de transição entre o trovadorismo e o classicismo, ou ainda, da Idade Média para Idade Moderna. Ele surgiu na Itália, durante o período do Renascimento.

Sobre a transição medieval para moderna Backes (2009), salientou que enquanto na Idade Média, Deus era o Criador e preservador da criação e a causa contínua de todos os processos naturais, na Idade Moderna, as leis naturais assumiram cada vez mais este papel. O pensamento cristão-medieval que ainda continuou existindo na primeira fase dos tempos modernos desempenhou papel relativamente importante no surgimento das ciências naturais modernas. A partir do século XVI, as ciências naturais se apoderaram cada vez mais da natureza e suas aplicações técnicas vêm transformando a superfície da Terra, com velocidade crescente.

O humanismo-renascentista é o elo de ligação entre a Idade Média e Moderna por dado grande impulso na transição, na moderna, a percepção da natureza aparece com os termos de independência e objetividade em que a existência objetiva e independente da natureza passa a ser condição epistemológica e ontológica, conferida pela racionalidade científica moderna, para que os seres humanos possam conhecer, moldar e agir sobre a natureza através da razão. E, mais do que a tematização do homem desligado do domínio dos deuses, trata-se da afirmação do homem proprietário da natureza (Backes, 2009).

Com o advento do Renascimento, que marcou o final da Idade Média e o início da Idade Moderna, entre os séculos XIV e XVI, houve uma volta do espírito de investigação dos antigos gregos e romanos, onde enfatizaram o antropocentrismo.

2.2.4 - A visão Antropocêntrica.

O antropocentrismo é um pensamento filosófico que coloca o homem como indivíduo central para o entendimento do mundo. O termo tem origem grega e em sua etimologia temos *anthropos*, que significa "humano", e *kentron*, "centro", logo homem no centro. Como doutrina filosófica, o pensamento antropocêntrico nos informa que o ser humano é a figura central e, desse modo, ele é responsável pelas suas ações, sejam elas culturais, históricas, sociais e filosóficas. Ao romper com os paradigmas presentes na época, traz à tona um homem crítico, dotado de racionalidade que lhe possibilita questionar a realidade em sua volta (Marcondes, 2008).

Para entender o conceito de antropocentrismo, é importante retomar a concepção de mundo que imperava na sociedade da Idade Média: o teocentrismo. Para essa doutrina, o deus cristão estaria no centro do universo. Desse modo, qualquer pensamento ou ação que não estivessem baseados nos preceitos descritos pela Bíblia poderiam ser considerados incorretos e, conseqüentemente, pecaminosos. No teocentrismo, o divino é o fundamento do mundo e não há qualquer pensamento racional ou crença diferente da cristã que esteja acima dessa máxima (Idem, 2008).

A centralidade do ser humano trazida pelo antropocentrismo apresenta reflexos em diversas áreas do conhecimento, sendo importante para a literatura, pintura, escultura e música, além da própria filosofia. Atualmente, esse pensamento se encontra bastante difuso, mas em sua origem podem ser observadas algumas características que possibilitam diferenciá-lo da doutrina à qual ele se opõe.

A principal característica do antropocentrismo é a mudança de perspectiva no que diz respeito a quem é a figura central para a explicação do mundo e em quem deveria basear as ações humanas. Em vez do deus judaico-cristão, agora é o ser humano quem ocupa esse lugar de referência.

Outro traço do pensamento antropocêntrico diz respeito à exaltação da racionalidade como sendo um atributo inerente à humanidade, esse pensamento filosófico também será marcado pelo cientificismo, segundo o qual o homem pode exercer controlo sobre a natureza, sendo possível estudá-la e compreendê-la. Uma vez que o deus judaico-cristão deixa de ser o centro do universo, as ações tomadas pelos seres humanos devem levar em consideração apenas as consequências que elas poderão causar aos próprios seres humanos. Por isso, diz-se que, no antropocentrismo, o homem é o fim das coisas;

Por fim, a filosofia antropocêntrica será marcada por um certo essencialismo. Isso diz respeito ao fato de que, segundo essa doutrina, o ser humano possui uma essência que é imutável, natural e central. Essa propriedade não poderia ser observada em nenhuma outra espécie. Um dos principais reflexos do antropocentrismo é o humanismo renascentista. Esse movimento literário e intelectual era fortemente inspirado na centralidade e racionalidade humana. Ele conseguiu enfraquecer o poder que a Igreja Católica possuía durante a Idade Média e impulsionou grandes transformações sociais. Os filósofos humanistas que eram adeptos do antropocentrismo dedicavam suas atenções a três temáticas em especial: o homem, a sociedade e a natureza (Marcondes, 2008).

Esses pensadores como: Nicolau Maquiavel, autor da obra “O Príncipe”, é considerado o fundador da ciência política e do pensamento moderno. Seu mais famoso livro é descrito como um manual de como governar; Nicolau Copérnico, foi o astrônomo e matemático que desenvolveu a teoria heliocêntrica, segundo à qual o planeta Terra e os demais planetas se movimentam em torno do Sol. Copérnico é tido como o pai da Astronomia Moderna; Galileu Galilei, é um dos nomes mais importantes da Astronomia. Galilei defendeu que a Terra não era o centro do universo, reafirmando a teoria de Copérnico e se opondo ao pensamento da Igreja. Por conta disso, foi condenado à morte pela Inquisição caso não negasse em público o pensamento científico que havia produzido e René Descartes, o criador do sistema de pensamento filosófico que deu origem à Filosofia Moderna: o pensamento cartesiano. “Discurso sobre o Método” é o título de sua obra mais famosa. E por sua vez os mesmos encabeçaram uma importante mudança na forma de pensar, e produziram impactos visíveis nos dias actuais, especialmente, no que diz respeito ao

desenvolvimento da pesquisa científica. Contudo, as revoluções que eles impulsionam também podem ser observadas nas artes e literatura, por exemplo isso acontece, em virtude da defesa da racionalidade e possibilidade de questionamentos para busca da verdade, que não mais estaria dada pelos textos e interpretações bíblicas.

Na sequência antropológica se refere também do homem que Agostinho conheceu, especialmente através da sua própria experiência, mas também por influência da visão antropológica própria do Cristianismo, se não se identifica com o homem radicalmente pessimista, que foi sobretudo o homem filho da cultura oriental, também anda longe do homem otimizado do humanismo grego e clássico em geral, bem como de um certo optimismo antropológico moderno, filho do Iluminismo. O homem agostiniano é um homem estruturalmente dividido em si mesmo, incoincidente consigo, desajustado de si, atraído simultaneamente por apelos de sentido contrário. É, numa palavra, um homem dramático. Desse dramatismo da condição humana deixou Agostinho múltiplas reflexões e sobretudo múltiplos testemunhos da sua própria experiência da vida (Coutinho, 2008).

CAPITULO III- ABORDAGEM DESCRITIVA DA METODOLOGIA.

CAPITULO III- ABORDAGEM DESCRITIVA DA METODOLOGIA.

Literalmente a metodologia cumpre com os aspectos relacionados aos métodos que conduzem as peripécias de chegar à um destino de pesquisa; portanto, o método é a direcção mestra para o alcance dos objectivos pré-definidos. Por outras palavras pode-se dizer que a metodologia é o estudo dos métodos, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa (Silva, 2014).

3.1.1- Classificação da Pesquisa.

Para Canastra (2015), toda pesquisa científica deve ser classificada e qualquer tipo de classificação se faz mediante algum critério. “Com relação às pesquisas”, “é usual a classificação com base em seus objectivos”. Assim, “é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos”: exploratórias, descritivas e explicativas.

Apresente pesquisa é classificada como descritiva, porque procurou conhecer a realidade estudada, suas características e seu problema através de uma descrição feita através dos estudos já realizado sobre o facto.

3.1.2- Tipo de Pesquisa Quanto a Natureza.

Toda investigação científica merece uma classificação quanto a sua natureza e de acordo com Canastra (2015), a pesquisa quanto a natureza obedece as seguintes classificações: básica e aplicada.

A pesquisa em causa é básica, porque não objetivou gerar um conhecimento novo mas sim buscou apenas aprofundar o conhecimento disponível na ciência, ou seja, esta pesquisa é voltada para o aprofundamento de algum tipo de conhecimento científico que já tenha sido previamente estudado por alguém. Isto é feito para preencher a ausência de estudo sobre algum aspecto que ainda não foi completamente abordado, relativamente a um assunto específico¹⁰.

¹⁰<https://www.atenaeditora.com.br/blog/classificacoes-de-finalidade-em-pesquisa-academica/>

3.1.3- Quanto a Abordagem.

Quanto a abordagem a pesquisa pode ser qualitativa e quantitativa. A ênfase da investigação qualitativa é posta mais na interpretação dos fenómenos e eventos e menos na sua explicação (Nascimento, 2016).

Quanto a abordagem a presente pesquisa é qualitativa porque a mesma baseou-se na interpretação dos factos observados e nos seus significados, dada a realidade em que os factos estão inseridos.

3.1.4- Tipo de Pesquisa Quanto aos Objectivos.

Quanto aos objectivos, a pesquisa pode ser exploratória, descritiva e explicativa. A pesquisa descritiva trata da descrição das características de um determinado assunto social ou estabelecer relações entre contextos que se manifestam opostamente ou não (Oliveira, 2011).

Esta pesquisa quanto aos objectivos é descritiva porque buscou descrever situação em detalhe, especialmente a ocorrência do assunto tratado, permitindo abranger, com exactidão, as características da situação, de um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

3.2.1- Quanto aos Instrumentos de Recolha de dados

Segundo Zanella (2013) chama-se de instrumento de pesquisa o que é utilizado para a colecta de dados”, ou seja é estabelecido efectivamente o que será utilizado no desenvolvimento do estudo para a obtenção de informações pertinentes ao trabalho. A pesquisa utilizou instrumentos de recolha de dados, nomeadamente: Observação e revisão bibliográfica.

3.2.2- Local de Pesquisa

O local de pesquisa é um espaço geográfico que permite o desenvolvimento da pesquisa. Para este trabalho o local de sua pesquisa foi no município de Caluquembe situado a norte da província da Huíla, o mesmo dista-se à 180 km da cidade do Lubango e contribuiu largamente na elaboração do estudo por haver condições mínimas que permitiram o desenvolvimento do trabalho.

3.2.3- Técnicas e Instrumentos de Colecta de Dados.

Numa, investigação científica para que os métodos sejam aplicados de forma eficaz é necessário o uso de um conjunto de técnicas.

A técnica de pesquisa faz parte de um conjunto de procedimentos ou processos de uma ciência, nas diversas etapas do método (Galliano, 1979).

3.2.4 - Quanto aos Procedimentos.

A investigação científica tem os seus procedimentos, que vão desde a compatibilidade de objectivos, métodos e suas técnicas. Os procedimentos procuraram manter o pesquisador constantemente atento a novos elementos que pudessem emergir como importantes durante o estudo. O quadro teórico inicial serviu assim de esqueleto para a estrutura básica do trabalho, a partir do qual, novos aspectos foram detectados para o enriquecimento da bibliografia.

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES.

Com base nos objectivos, concluímos que o processo de transição da Idade Média para Idade Moderna foi marcado pelo antagonismo de ideias que vigorou nesta época segundo aquilo que era gizado pela Igreja Católica e, por sua vez o Humanismo surge como uma corrente literária que contrapôs a linhagem teocêntrica.

O teocentrismo dominou todo cenário medieval, o cristianismo exerceu uma influência que determinou também o sentido teocêntrico daquela civilização e da cultura moderna. Deus era colocado no centro de convergência como supremo. A Idade Média teve tendência de modelar o teocentrismo e dar-lhe a expressão de toda arte gótica. Esta foi uma civilização em que tudo convergia para Deus e esta ilustração típica da Idade Média é bem apresenta em todo primeiro capítulo.

Em segunda instância a investigação evidenciou a génese da Idade Moderna, sobretudo a relevância do humanismo, o humanismo dos séculos XV e XVI redescobre a reflexão de Protágoras, segundo a qual o homem é a medida de todas as coisas e nesta altura o humanismo Renascentista é indubitavelmente um prodígio especificamente europeu, instituiu o alicerce do novo pensamento da Europa e do mundo.

O terceiro destaque recai na evidência da investigação sobre a adoção da metodologia utilizada no trabalho sobre a natureza e o tipo de pesquisa uma vez que a metodologia aplicada e outros critérios técnicos serviram como vias ou caminhos que possibilitaram abordagem do objecto de pesquisa a partir do problema formulado ou questão norteadora do processo de investigação deste trabalho.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- Aragão, J. W. (2017). *Metodologia Científica*. Bahia: Produções de Mídias.
- Backes, M. T. (2009). *Noções de natureza e derivações para a saúde: uma incursão na literatura*. Brasil: UFSC.
- Brakemeier, G. (2018). *Fé cristã e pluralidade religiosa*. Brasil: Escola Superior de Teologia.
- Canastra, F. (2015). *Manual de Investigação Científica: Universidade de Moçambique*. Maputo: Universidade de Moçambique.
- Carpentier, V. (2014). *A IDADE MÉDIA: Passo a Passo*. Brasil: Claro Enigma.
- Castro, L. d. (2005). *Homem e o MUndo: Ambiguidade e Renascimento*. Brasil: UFPB.
- Conde, G. A. (2015). *História Moderna*. Brasil: Instituto Superior de Teologia.
- Coutinho, J. (2008). *Elementos de História da Filosofia Medieval*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Dauwe, F. (2008). *História Moderna*. Brasil: UNIASSELVI.
- Dias, R. F. (2007). *Vida e Direito: Poder, subjectividade no Contexto Biopolítico*. Brasil: Universidade Federal de Panamá. Dissertação de mestrado.
- Fernandes, S. R. (2006). *Mudança de Religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações*. Brasil: Federal Rural University of Rio de Janeiro.
- Galliano, G. (1979). *O método científico: teoria e prática*. SP: Mosaico.
- Godinho, R. d. (2012). Renascimento: Uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza. *GramZero Revista de Informação* v.13 n.1 fev/12, 3,4,5.
- Goff, J. L. (1986). *A Bolsa e a Vida*. São Paulo: 2ª edição 1989.
- Izidro, A. E. (2019). *Fé e Razão: o discurso religioso-filosófico na perspectiva do cristianismo*. Brasil: R.U.
- Leão, E. C. (2012). Scintila: revista de filosofia e mística medieval. *Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval*, 145 & 146.
- Marcondes, D. (2008). *Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahare.
- Martins, A. (2004). *Grandes civilizações do passado*. Brasil: Andromeda Oxford Limited.

- Mateus, N. (2018). *Ramon Lul e a Idade Média*. S. Luís: Fapema.
- Mattoso, A. (1960). *História Geral e Pátria*. Porto: Porto Editora.
- Monteiro, L. M. (2017). *O Humanismo na Europa do Século XXI*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nascimento, F. P. (2016). *Classificação da Pesquisa: Natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos*. Brasília: Thesaurus.
- Neta, M. A. (2017). *Metodologia Científica*. Salvador: UFB.
- Neves, R. M. (2013). Anti-homocêntrico. *Anti-Homossexualismo*, 12.
- Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Brasil: Universidade de Goias.
- Santos, R. A. (2000). *Metodologia Científica*. Brasília: UFRGS.
- Schipanski, C. E. (2009). *História Medieval: Leitura de uma época*. Brasil: Unicentro.
- Silva, A. J. (2014). *Metodologia de Pesquisa: Conceitos Gerais*. Brasil: Ministério da Educação.
- Vianna, W. B. (2006). *O design de pesquisa qualitativa: questões a considerar*. S. Paulo: SIMPEP.
- Zanella, L. C. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. Brasil: UAB.

ANEXOS

ANEXOS

Figura 1-Ilustra o poder da Igreja Católica na Idade Média



Fonte: <https://conhecimentocientifico.com/idade-media/>

Figura 2-Ilustra o Humanismo na Idade Moderna



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WBQq2ThCBfU>